

Não vejo nenhum inconveniente em me mandares dizer pelo arame caso venhas, o seguinte, assinando José. Basta que ponhas isto:

Perestrello, Londres — Saude boa saudades — José.

um telegramma de familia como vês.

O Lordmaire está pronto a raspar-se e eu a abraçar-te. — Teu do coração, Perestrello.

Em 6 de junho de 1907, num cartão com o timbre — Ministerio da Fazenda — Direcção Geral da Thesouraria — «Meu caro Lima. — Vou hoje ao Cartaxo e só volto domingo á noite. Se houver peixe sexta feira peço o favor de avisares a minha casa pelo telephone».

Em 18 de setembro de 1908, de Lourdes (G. Hotel d'Angleterre: «Lá sabem se o peixe continua a ser nosso amigo».

Algumas cartas se notam ainda cujo sentido só mais tarde com novos elementos se poderá cabalmente fazer, o que não cabe no tempo agora disponível, e entre ellas, na de 23 de novembro de 1891, ha a destacar o seguinte periodo relativo ás rodellas de prata para as moedas de 200 réis: «Peço-te des entrada ás rodellas vindas de Paris pelo mesmo valor arbitrado para as de Birmingham», sendo muito para espantar que os preços nas duas praças, o pagamento de intermediarios e do mais que necessario, permittissem tão estranha coincidência.

Não menos espanto produz a de 21 de maio de 1891, com o timbre — Ministerio da Fazenda — Thesouraria Geral — cujo primeiro periodo é o seguinte: «Manda-me hoje 500\$000 réis, sendo metade em 500 réis e metade em 100 réis».

A 2.ª testemunha, fl. 9 v, considera-o interessado nos roubos praticados, que os operarios denunciavam como candonça, chamando-lhe soció de Casimiro de Lima em uma Companhia de Pescarias. A 13.ª testemunha, a fl. 33, diz que havia entendimento entre Perestrello e Lima, fazendo-se a Companhia de Pescarias com dinheiro da Casa da Moeda.

Que foram dois operarios fazer uns trabalhos a casa do Perestrello, dizem-no: a 9.ª testemunha, a fl. 29 e 30; a 16.ª testemunha, a fl. 43; a 17.ª testemunha, a fl. 44; o 5.º declarante, a fl. 42.

Como commentario ás cartas não é preciso dizer mais nada, por agora, porque o assunto carece de larga explanação, a qual irá noutro relatorio.

Sobre a celebre questão da moeda do centenario da India, em que o grande excesso de amoedação estava pedindo muitos trocos feitos na Casa da Moeda, ha ainda nestas letras de Perestrello um documento, muito interessante:

Carta com o timbre — Ministerio da Fazenda — Thesouraria Geral — datada de 9 de setembro de 1898:

«Meu caro Lima. — Peço-te que não disponhas da moeda do centenario porque temos de trocar cerca de 8 contos aos congressistas. Sempre amigo = Perestrello».

D'essas trocas de tão grande movimento não restam vestígios na escripturação da casa. Perestrello estava vendo que tudo isto era uma irregularidade assombrosa e criminosa; passavam-lhe pelas mãos as contas da Casa da Moeda, e em vez de pôr cobro á ladroeira, segundo as testemunhas citadas e as suas proprias cartas, locupletou-se á custa d'ellas.

Como consta do Appenso n.º 7, fl. 48 e 49, entrou na primeira Sociedade de Pescarias, com Lima, sendo os dois maiores accionistas, com 1666 acções de uma libra cada um; e na segunda cada um d'elles com 1084 acções. Era, portanto, cada um d'estes socios, possuidor de 2750 acções. Foram, como se costuma dizer, a alma da sociedade.

A sua amizade, sobejamente conhecida, ao Lima, tornou-o excellentempenho para este, e, graças a tal facto, conseguiu a collocação de muitos operarios, e até que um suspenso, a denuncia do chefe Caldeira por ter dito só uma verdade, fosse reintegrado (autos, fl. 3 a 5 v.). Se não estivesse já suspenso do exercicio das suas funcções por outros motivos a Commissão teria pedido essa providencia ao Ex.º Ministro das Finanças.

JOSÉ JOAQUIM DA SILVA GRAÇA. — Proprietario, director do jornal *O Seculo*. Está escrito na carta por elle dirigida a Casimiro de Lima, que ao raiar da Republica tremeu pela sorte d'este, sem lá declarar o motivo das suas assustadoras apprehensões. Esta carta foi integralmente transcrita sob a epigraphe Casimiro José de Lima.

Já se viu no capitulo *Trocos*, que mandou de uma vez 2:900\$000 réis, e de outra 1 conto de réis para o costume. Neste costume falam tambem: a 15.ª testemunha, a fl. 35; o 5.º declarante, a fl. 42; a 16.ª testemunha, a fl. 43; a 17.ª testemunha, a fl. 43 v., e nesses depoimentos se conhece que, meses a fio, veio dinheiro em cobre, do jornal, para trocar na Casa da Moeda, como nuns cambistas, montando de 100\$000 a 300\$000 réis, por dia, e reconhece se que alguns d'esses trocos foram feitos antes da autorização concedida pelo officio do Ministerio da Fazenda, de 19 de julho de 1904, como se prova com a carta de Silva Graça de 22 de dezembro de 1896, fl. 4 e 5 do Appenso n.º 7.

Da officina de galvanoplastia — sem haver conhecimento nos livros da casa — saíram os galvanos para o romance *Guerreiro e Monge*, de Campos Junior, publicado em folhetins no *Seculo*, e para os do livro, em que de novo appareceu aquelle romance, bem como um galvanos, do retrato, em ponto grande, do autor, retrato que foi posto á venda.

Que não se cifrou só no retrato e nos galvanos o auxílio, dado por Lima ao *Seculo*, escreve L. A. Ferreira, depois do fallecimento do pae, pedindo a Lima para amparar com 2:500\$000 réis a *Folha do Povo*: «Lembro-me que V. Ex.º amigo de auxiliar a imprensa, como já o proveu com a administração do *Seculo*, a quem offereceu os seus prestimos pessoases e pecuniarios, não tomará a mal a minha franqueza».

Que era o melhor empenho para Lima, e inversamente, é ver nas cartas de pedidos; até para inserir artigos no *Seculo* de applauso a artistas (appenso n.º 24, fl. 5) ou de impulso a negocios (como acima-se disse e o appenso mais esclarece) vinham missivas para o estabelecimento, em que não só de moeda se tratava.

AUGUSTO JOSÉ DA CUNHA. — Ex-director da Casa da Moeda onde esteve bastantes annos. Não tendo versado em tempo algum os variados assuntos, cujo conhecimento demandava o exercicio do seu cargo e sendo por isso quasi que inteiramente desconhecedor d'elles, para os quaes tinha apenas algumas, poucas, noções adquiridas a guiá-lo; levado, por outro lado, nas asas da orientação estranha a dedicar-se só a estudos abstractos, ao ser investido nessas funcções sentiu-se em mundo novo, completamente desprevenido para seguir derrota por falta de pontos cardeaes a ajudá-lo.

Nem a preparação tecnologica, que requer tempo e aptidões especiaes; nem o contacto com a blusa, que nunca tinha sentido! Não sabia e nem estava habilitado a aprender!

Ainda que tivesse pensado em fazer uma aprendizagem, como não dispunha do espirito de observação adquirido na vida fabril, a que nunca se tinha dado, era-lhe impossivel o aprender quasi que sem perguntar, sem dar a perceber aos seus subordinados a ignorancia em que se via, e o demonstrá-la achava incompetivel com a sua cotação scientifica e com o seu proposito firme de os manter em respeito.

Obtido por influencias estranhas e conveniencia propria esse logar em que viu logo desde o começo que era e continuaria a ser um estranho, decerto teria desistido se não fosse Casimiro de Lima. Era-lhe recommendado este por amigos de ambos, como habil, activo e de rectidão de character acima de toda a suspeita, porque a verdade é que ainda não houve ladrão algum que, fóra do covil, melhor soubesse encobrir as arteinças do que Lima. Insinuante e perseverante, apresentando-se-lhe immediatamente no gabinete mal elle chegava, falando-lhe de um sem numero de assuntos, de dentro e de fóra da casa, apresentando as questões d'esta sob o prisma que melhor lhe convinha, com solução pronta para todas as ordens de serviço, sem mesmo dar tempo ao director para manifestar hesitações, ou o temor de embaraços, pouco a pouco chegou este a pensar e a sentir ao unisono d'elle.

Eis o motivo porque Casimiro de Lima foi de facto o director da Casa da Moeda muitos annos antes da nomeação official. Para comprovar a asserção — apesar de ninguém a poder contestar — basta ver na carta de Subserra — Appenso n.º 24, fl. 6. Desejando o signatario que fosse empregado na Casa da Moeda um seu protegido, escreveu a um amigo em 27 de novembro de 1890 dizendo-lhe: «o Ex.º Sr. Dr. Sousa Martins é muito amigo do outro director da Moeda o sr. Lima».

Nos trechos das cartas de Isidro dos Reis, que vão transcritas, ao tratar-se de Lima em «Pedidos de dinheiro» só em duas cartas é que se diz que o director Cunha permittia que o thesoureiro lhe emprestasse dinheiro pertencente ao Estado. Está-se alli vendo, se tal foi, como Lima lhe devia ter preparado o espirito para consentir nisso; fallou-lhe decerto num emprestimo por poucos dias, emprestimo bem garantido até pela propria fortuna pessoal de Lima, que todos sabiam ser possuidor de avultados recursos pecuniarios. Numa das cartas, sem data, de Isidro dos Reis, a fl. 254 do Appenso lê-se: «E note que não quero que me faça o que tem feito ao Cunha, só preciso me dispense o que me tem dispensado por intermedio de J.» D'onde se conclue que Lima emprestava directamente ao seu chefe e a Isidro dos Reis por intermedio do thesoureiro.

Que, durante o seu tempo na direcção, viveu com difficuldade, vê-se nas proprias cartas de Isidro, nas quaes consta que elle se viu forçado a pedir dinheiro por meio de letras que iam parar aos bancos, e nem uma só vez lá se diz, nem por outra fonte consta, que se tivesse valido do recurso mais commodo, menos visível e menos dispendioso, de que lançava mão Isidro. Se é verdade que autorizou para este o emprestimo do dinheiro do cofre, nunca adoptou esse expediente para si.

Depois, recorrendo segundo é voz corrente aos meios de fortuna dos seus, entrou na Sociedade de Pescarias, sendo possuidor de 2:750 acções, como do logar citado consta, quando se ampliou a primitiva sociedade e foi adquirido novo vapor.

Outras pessoas ha, cujas responsabilidades por enquanto não se acham devidamente liquidadas, e que tencionamos apurar em relatorios subsequentes por meio de novas pesquisas, tendo de recorrer ao depoimento de muitas testemunhas que ainda não foi possivel ouvir em consequencia das occupações officiaes dos membros da Commissão o não haverem permittido.

Do que appareceu depois de escritos os capitulos respectivos, segue uma resenha;

Declaração de Freire (Appenso n.º 24, fl. 21) acêrca dos sacos de moedas de 10 réis, achados num dos armarios do seu gabinete: «a existencia d'essa fracção só foi conhecida depois de ter sido feita a entrega do cobre que

havia na Casa Forte». No atado dos sacos diz que não entraram no balanço por não estarem na Casa Forte. Fez-se o balanço e ninguem deu pela falta!

Pedidos de prata. — Bilhete de Francisco Migueis pedindo 200\$000 réis; bilhete de Ernesto Castel-Branco para receber a pratinha; de Brito Aranha, *Diario de Noticias*, cartão pedindo troca de 500 réis em moedas de 100 réis; de Leonor Martins carta pedindo 100\$000 réis.

Pedidos de ouro. — Isidro dos Reis pede desculpa em carta por ter mandado o irmão receber mais ouro.

Decalque de moedas. — J. Gomes pede em carta para um amigo de Zurich, colleccionador de moedas portuguezas, o decalque dos exemplares que lhe faltam!

Pedidos de dinheiro sem designação da especie. — De Isidro dos Reis: numa carta diz que o irmão vae buscar a encomenda antes do meio dia; noutro que dê a este o mais que puder; noutra: *preciso effectivamente de mais*; noutra: supponho que não precisarei de mais de 1 a 1 e quinhentos; noutra: recebi 1:500\$000 réis; e um bilhete sobre este assunto. Dê J. Alcobia: «Pedia de me emprestares amanhã de manhã 750\$000 réis para eu te dar no dia 30».

Seguem-se duas outras cartas de Isidro dos Reis. Todos estes documentos vão no appenso 24 de fl. 7 a 20.

Terminando, cumpre-nos dizer que nesta casa, onde a regra era — ver, ouvir e calar — como nos depoimentos bem expresso está, a influencia poderosa d'ella fez-se sentir na nomeação, remuneração, e promoção do pessoal; houve injustiças que vão transparecendo á medida que a pressão, graças a algumas suspensões e ao receio justificado de outras, vae diminuindo; e ao fazer-se um quadro do pessoal operario, pela primeira vez, pede a justiça, que a Republica tanto préza, que sejam reparados os danos e affrontas, que soffreram os que não souberam, ou numa hora de azedume não quizeram seguir a regra.

Por ultimo, a commissão tem o dever de pôr em relevo os optimos serviços que lhe foram prestados pelo adjuncto Luiz Firmino Marques Castellão, escrevente do Ministerio do Fomento, e percebendo uma infima remuneração: 18\$600 réis mensaes — a do logar que exerce na Repartição do Ensino Industrial de que faz parte — trabalhou horas sem conto, de dia e de noite, com extraordinaria dedicacção, absoluta reserva e muita intelligencia.

Lisboa, em 4 de fevereiro de 1911. — *Luiz Feliciano Marrecas Ferreira* — *João Evangelista Pinto de Magalhães* — *Antonio Maria da Silva*.

Direcção Geral da Fazenda Publica

1.ª Repartição

Empréstimo de 4 1/2 por cento, com garantia dos rendimentos de tabacos

Annuncia-se que no dia 20 do corrente, ás onze horas da manhã, se hão de realizar no Cofre Geral d'este Ministerio os seguintes sorteios:

Um de 7:150 titulos, com a assistencia dos delegados da Companhia dos Tabacos de Portugal, em conta do empréstimo de 4 1/2 por cento de 1891, emittido pela mesma Companhia;

Um de 620 titulos, em conta do empréstimo de 4 1/2 por cento de 1896, contratado com as firmas Fonsecas, Santos & Vianna e Henry Burnay & C.ª

Direcção Geral da Fazenda Publica, em 8 de março de 1911. — *Innocencio Camacho Rodrigues*.

Direcção Geral das Alfandegas

2.ª Repartição

Manda o Governo Provisorio da Republica Portuguesa, pelo Ministro das Finanças, que o posto fiscal do Ancão, da secção de Faro, pertencente á 5.ª companhia da circumscrição do sul da guarda fiscal, seja habilitado a cobrar o imposto do pescado.

Paços do Governo da Republica, em 7 de março de 1911. — O Ministro das Finanças, *José Relvas*.

MINISTERIO DA MARINHA E COLONIAS

Direcção Geral das Colonias

3.ª Repartição

Para os devidos effeitos se annuncia que, pelas quatro horas da tarde do dia 26 de abril do corrente anno, na secretaria do governo geral da provincia de Angola e perante uma commissão para esse fim opportunamente nomeada, deverá ter logar o concurso para a adjudicação por aforamento de 900 metros quadrados de terreno baldio, requerido por Constantino dos Santos, sito em Quifucua, cencelho de Malange, districto da Lunda, na provincia de Angola, confinando pelo norte, sul e poente com terrenos baldios, nascente com a estrada publica que de Malange segue para o posto militar de Offuma, em conformidade do programma do concurso e condições abaixo transcritas.

Programma do concurso

1.ª

As propostas serão recebidas pelo presidente da commissão supra mencionada durante um periodo de um quarto de hora, procedendo-se decórrido esse periodo á sua abertura.